



ULTIMAS NOTICIAS

O I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica foi inaugurado por S. E. O Cardeal-Patriarca e nele foi lida uma mensagem do Papa aos universitários portugueses

Sob o tema «Estar Presente — Servir a Igreja», reuniu-se ontem, no vasto salão das oficinas do Instituto Superior Técnico, o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. A sessão inaugural presidiu S. E. O Cardeal-Patriarca de Lisboa, que tinha à direita os sr. mos. Moreira, representante do Núcleo Apostólico; arcebispo de Milene; Bernard Ducret, secretário-geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos «Par Ro. Pontassiglo, presidente da Juventude Universitária Católica Feminina; e à esquerda o sr. ministro da Educação, eng. Barão de Fozzosa, e o sr. I. S. T. prof. dr. Fernando Magano, vice-rector e representante da Universidade do Porto; e Adérito Nunes, presidente da Juventude Universitária Católica.

Na primeira fila de cadeiras, estavam os sr. arcebispo de Évora, arcebispo-bispo-conde de Coimbra, e bispos do Porto, de Beja, de Fátima, de Braga e auxiliar de Aveiro; prof. dr. José Gabriel Pinto Coelho e Moses Bensebat Amizadek, respectivamente, rectores da Universidade Clássica e Técnica. Era convidado o número de professores das Universidades de Coimbra, do Porto e de Lisboa, todos com vestes doutorais, muitas também as senhoras e mais de dois mil os académicos de ambos os sexos, entre eles representantes do Porto e cento e cinquenta de Coimbra, que tinham vindo, em comboio especial, com os prelados e professores, e ainda algumas centenas de outros rapazes, de várias cidades que vieram nos seus meios de transporte. Presentes, também, delegações de universitários de Madrid, Salamanca, S. Paulo, Paraguri e Friburgo, (Suíça). Foram lidas cartas dos outros países portugueses, expondo, a sua situação e mensagens de estudantes católicos húngaros e búlgaros, exilados na América, associando-se aos objectivos do Congresso e fazendo votos pelo seu êxito.

Na abertura da sessão, o sr. Adérito Nunes leu a seguinte mensagem dirigida ao sr. arcebispo de Milene, presidente da Acção Católica Portuguesa, pelo cardeal Montini, em nome de S. S. o Papa Pio XII:

«Na resposta do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Fozzosa, o Sr. Barão Fozzosa compreendeu ao responder ao vosso filial pedido, dirigindo a todos estes queridos jovens, reunidos em Lisboa, os seus votos paternais. «O Pensamento Católico e as Universidades, tal será o tema desta assembleia, que se realizará sob o patrocínio do episcopado português, com a participação de professores das três Universidades do País. Uns após outros serão os versados os múltiplos problemas que hoje põem à consciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã em todo o seu pensamento e em toda a sua vida.

«Neste tempo pascai, em que a Igreja celebra a ressurreição do Salvador, garantia de uma fé inquebrantável e princípio de um alento apostólico sempre novo, os jovens congressistas deverão de reflectir, com lucidez e confiança, nas suas obrigações intelectuais, nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão, aliás, guiados neste estudo pelas orientações que Sua Santidade há poucas meses dirigia, de um modo particular, aos membros do Congresso Internacional de Pax Romana?

«O apostolado intelectual é difícil tanto como qualquer outro, é estável em a graça haurida na oração e na frequência assídua dos sacramentos; mas que muitos outros, exige a autoridade de uma competência pessoal, muitas vezes adquirida pouco de observações e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica Universitária preparar para a Igreja e para a Pátria tais apostolos, cujo pensamento humilde e firme se deixa prender apenas da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.

Confiança, pois, de todo o coração, a material interesse de Nossa Senhora, a fé e o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a V. Ex. e a todos os que participam neste primeiro Congresso Nacional uma benévola e mais apostólica, quer aceitar. Ex. a expressão dos meus mais devotos sentimentos em Nossa Senhora.

«A assistência, que escutara de pé a mensagem, aplaudiu calorosamente. Em seguida, e por aclamação, foram aprovados os termos de dois telegramas de saudação ao Papa, agradecendo a mensagem e a bênção e afirmando a sua dedicação à Igreja e a sua filial submissão ao Vigário de Cristo, e ao sr. Presidente da República, saudando-o e afirmando o caloroso desejo de trabalharem pelo engrandecimento da Pátria.

Formar a personalidade intelectual dos estudantes é o primeiro fim essencial da Universidade — declarou o presidente da U. U. C.

Foi ainda o sr. Adérito Nunes o primeiro orador. Expôs os motivos porque se organiza em Portugal um congresso sobre a Universidade, exaltando-a simultaneamente, como centro de formação do país e como ponto de partida para a concentração do saber. Disse que as Universidades irradiam constantemente um tipo de homens destinados a postos de direcção social, que deve fazer para que este grupo constitua verdadeiramente um grupo. Na Universidade concorrem todos os ramos do conhecimento, que poderá fazer para salvar a necessária unidade da cultura.

Para responder a estas perguntas, o orador definiu a natureza, a missão e a responsabilidade social da instituição universitária. «O que a Universidade deve ser — salientou — em ordem à formação do grupo que nela se prepara para as tarefas de comando social, depende naturalmente das qualidades que esse grupo deve possuir. Determinando-se os seus próprios fins, a Universidade quanto Escola Superior que se determinam. Ora, a primeira de tais qualidades é que constitua efectivamente um autêntico grupo intelectual. Assim como o indivíduo e toda a sua vida se equilibram quando a razão deixa de bem operar, assim na sociedade, a paz, o bem-estar, o correcto funcionamento e evolução de todo dependem do equilíbrio da racionalidade e do equilíbrio e do rigor da inteligência. Ideias, acções e ideias adquirem uma projecção múltipla e transformam-se em simples factos de ocuparem posições de chefia. E depois de definir o que se entende por chefe académico, acrescentou, portanto, o universitário se destina a ser chefe — seja o primeiro cuidador da Universidade procurar que ele stinja a mais completa maturidade intelectual na aquisição de uma rigorosa disciplina mental, de um sentido crítico, de hábitos de trabalho metódico, de observação de reflexão e de iniciativa, que lhe permitam de fronteira e resolver bem os problemas da vida activa humana, complexos e com dados múltiplos e frágeis, em que, como nos tem lembrado o Santo Padre Pio XII, é chamado a exercer uma superintendência directa coordenadora reguladora. Por isso a personalidade intelectual dos estudantes é, assim, o primeiro fim essencial da Universidade.

O sr. Adérito Nunes considerou, em seguida, a Ciência e o Profissionalismo. «O lugar que cada um destes elementos deve ocupar na Universidade, observando que, para formar o grupo, não interessam apenas as qualidades intelectuais, mas também os representantes do grupo, são as qualidades morais e do espírito cívico. A Universidade, passando a ser do campo meramente intelectual e profissional, não pode ser indiferente ao tipo de homens que dela saem; pelo contrário: tem de cuidar que sejam moralmente valiosos, conscientes das suas responsabilidades sociais e nacionais, interessados e esmerados na preparação fundamental do seu tempo e devotados ao bem comum.

Mais adiante, o orador concluiu: «Quando a Universidade, pela força de quaisquer circunstâncias, tem de abandonar de tomar posição em terreno ideológico, fica, na verdade, amputada de uma dimensão básica — incapacitada de realizar perfeitamente a sua missão superior de educação, pois se de uma justa visão do Universo brota a filosofia da vida, que, conforme a lição do grande Edward Leen, é função do processo educativo fornecer.

O orador foi calorosamente aplaudido.

«A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre» — afirmou o sr. prof. dr. Fernando Magano

O sr. prof. dr. Fernando Magano, que deu ao seu discurso o título «O congresso visto por um professor», considerou a quem se debre sobre a vida da Universidade, reconhece a existência de um certo mal. Não está certa a Escola, assim como está e oferece dúvida a sua função institucional. Nem só em Portugal, mas no Mundo inteiro. A Escola não cumpre, e certo que aqui e ali se fazem alguns esforços e certas aspirações tomam cor. Os alunos, mais livres de movimentos e ardorosos e generosos, organizam-se. Por isso pedem, para os que não de vir, algo diferente. Depois de lembrar que os que ali estavam vinham do seio da Igreja, com o desejo de colaborar, precisando a formação de dirigentes e a preparação da aristocracia do saber. «He-damos uma Escola da indiferença. Somamos uma Escola da responsabilidade. A Escola dá-nos uma técnica; a vida pede-nos uma norma. Andá a maioria dos universitários aos baldões. Nem os homens que saem da Universidade podem definir-se no limite das suas possibilidades, nem ela se define a si própria. O mestre actual não deve cuidar só do tecnicismo dos seus alunos; deve conscienciosamente avaliar qual o esforço do seu saber.

Após outras considerações no mesmo sentido, o sr. prof. Fernando Magano afirmou que uma vez mais na História do Mundo a Igreja esperta as consciências e as inteligências. Dá a palavra e fica.

Assim concluiu o orador: «Voltará a Humanidade à paz dos claustros, para, então, se reencontrar. Mas o específico carácter desta nossa hora é que os claustros se situam no âmbito das multitudes, e é aí, aí mesmo, que haverá que se manter a paz, dizendo a palavra lúcida, exemplar, o exemplo, o modelo. A palavra da Igreja, que primeiro se dirige à consciência, do indivíduo de cada um, envolve logo, por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens. E lembra-lhes que vivam a sua hora, em seus postos na Hora de sempre. Quando dizem, memfíficos Justicistas — «estar presente, servir a Igreja» — de senhas o mais nobre programa da juventude: viver plenamente a sua hora, vivendo sinceramente a lei do Senhor Jesus. A nossa hora é esta: a lei está na Igreja. A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece o viver; a Igreja embreca a vida. A primeira é

o momento, a segunda é o sempre. Vivamos, então, o nosso momento, confiantemente, para sempre.

Vibrantes aplausos coroaram o discurso do sr. vice-rector da Universidade do Porto.

O sr. arcebispo de Milene afirmou que, depois das negações formais e atrevidas do cientismo orgulhoso, se começou nova caminhada no sentido espiritual

Então, falou o sr. arcebispo de Milene, com o objectivo de salientar, principalmente, a importância e a necessidade do apostolado universitário. Oserveu em primeiro lugar que, após a guerra, Deus, que não por natureza, cada homem e peregrino do infinito, mas desconhece, despreza ou desdenha a nobreza sobrenatural da sua origem e do seu destino, para vegetar em vida morta de egripos e de páldios, como se não brulhassem estrelas no Céu, como se Deus não existisse.

Com largueza definiu o orador as fronteiras da Ciência e da Fé, afirmando que entre a ciência, tomada no sentido experimental e a fé, não pode haver conflito, por serem diferentes os seus fins, os seus domínios e os seus processos e métodos de trabalho. «Mesmo reduzindo a questão a mero fenómeno psicológico, o sábio não contradiz o crente porque o espírito científico — de domínio de crítica, de análise de dúvida metódica — e o espírito religioso — de dependência, de adesão, de síntese — de confiança se exercem sobre valores diferentes, e até sob muitos aspectos se encontram, como dois ramos da mesma árvore, pertencendo ao mesmo tronco, manifestações necessárias do mesmo princípio humano: e a ciência, perante certos problemas, que até por definição não resolve — como o problema das origens — problema da vida, o problema da finalidade dos seres, o problema da dor, o problema da consciência moral, o problema do destino — pode orientar o espírito na pista de Deus, vislumbrando horizontes de fé.

«No universitário, como em qualquer outro cristão, a fé não é luz distante e fria, que brilha sem aquecer»

Depois de observar que o homem, para ser sábio, não precisa de crer, mas que a cada passo surgem enganos para os quais, fora da fé, não encontra solução e que tal impossibilidade científica sobre questões essenciais do universo do homem pode provocar o primeiro movimento no caminho da fé, o sr. D. Manuel Trindade Sa-gueiro notou que, depois das negações formais e atrevidas do cientismo orgulhoso, se começou nova caminhada no sentido espiritual, mas que o mundo não se divide em duas partes: a da tenacidade Coruna de Furo, se regista esse movimento. O renovo cristão nas esferas intelectuais é lento a assinalar.

Lembrando que isso deve estimular o serviço apostólico dos universitários, cuja acção é capital na formação dos espíritos, o orador recordou o movimento académico de 1901, em Coimbra, com a fundação do Centro Académico Democrático-Cristão, e citou, em seguida, as classes de cultura superior, está reservado um posto singular, parte eminente na ordem social. Eles formam uma «elite» espiritual de que precisa a Igreja, como prolongamento da sua obra hierárquica, para a evangelização do Mundo.

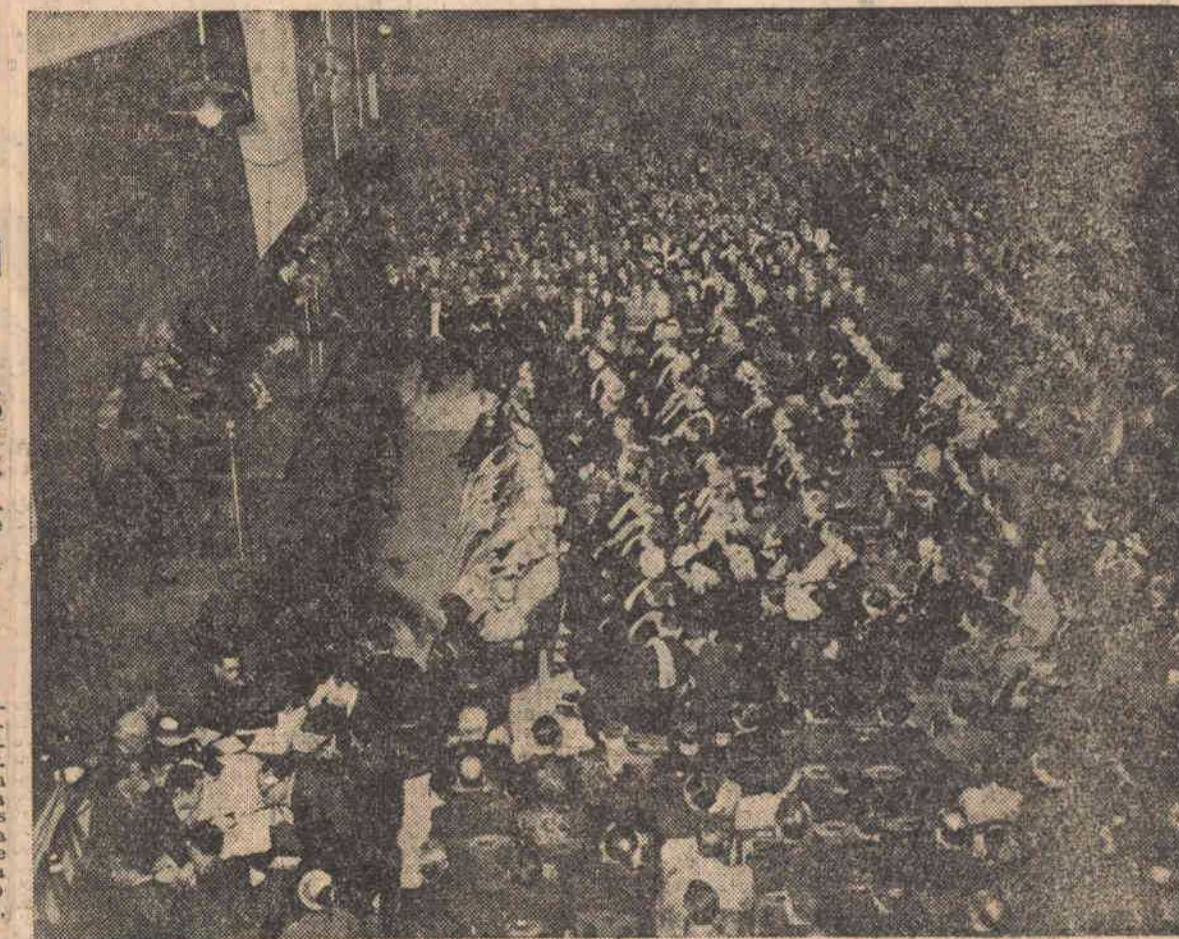
O sr. arcebispo de Milene observou, em seguida: «Em palavras sumárias resume-se o que se espera dos universitários cristãos dentro da acção católica. No campo das ideias, demonstrar que o pretérito diálogo entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Na palavra de Pio XII tem a missão de estabelecer os contactos, reatar os laços, sempre na participação mútua, de mundos do saber — a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo. Isto não significa, evidentemente, que o universitário católico faça apostolado com prejuízo dos seus deveres profissionais.

«No universitário, como em qualquer outro cristão, a fé não é luz distante e fria, que brilha sem aquecer. É fogo vivo, que transforma o elemento vegetal da virtude da graça que a mensagem cristã anuncia e põe luz. Também para ele a fé é caminho e vida. O caminho percorre-o pelo cumprimento exacto dos deveres para com os outros e na acção diária para consigo. Há budo à acção que o estudo impõe, tem de estendê-la a toda a sua actividade. Só pela acção, que é lei de perfeição, constitui a realizar-se, conforme o ideal que adoptou.

«E de lamentar que, em País de tantas tradições católicas, não haja ainda uma Universidade Católica»

O orador acrescentou: «A vida consiste principalmente na colaboração com a graça, que o Senhor generosamente concede, sobretudo pelos sacramentos, pela oração e pelo sacrifício. Longe de dispensarem o exercício da virtude, que é esforço, muitas vezes heróico, os estudantes universitários mais o reclamam, porque sempre pesam as maiores responsabilidades, sobre os que estão situados em postos mais altos. Os primeiros, nas horas, serão, os primeiros no cumprimento dos deveres mais árduos. Mas, como todo cristão, por imposição da fé e por exigência da caridade, deve ser foco de irradiação espiritual, também o universitário será apostolo. Tal apostolado traduz-se na palavra — luz, inteligente e oportuna, que atinge as almas, sem feril-as; no exemplo encorajante e consuetivo que, sem opção, fez apelo para as almas; na acção generosa e consciente que, conscientemente põe as consciências perante os problemas da vida, fazendo erguer os olhos da terra para o céu.

«De lamentar que em País de tantas tradições católicas, não haja ainda uma Universidade Católica, tenha superior de doutrina teológica e de apostolado superior, que iluminasse e aquecesse toda a terra portuguesa — com



Um aspecto da inauguração do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica

gões, com livros, com revistas, com apostolados.

E mais adiante, terminou: «Depois de muitos anos de especulação, e de escritos, de um grupo generoso de jovens universitários, inaugura-se este Congresso. E com a esplêndida abertura carregada de profetas audaciosos e de célebres esperanças. Mas não se contentem de que o árduo trabalho, da sua organização e da sua realização, já se foram abandonados os sacrifícios que impõem. Mas, para além dele, abra-se um mundo novo. Abençoada foi a sementeira. Por Deus, será abundante a messe dos professores.

«Denunciando, e com grande vibração, a assistência ovacionou o orador.

«Servir a Igreja não é escravidão; é libertação» — afirmou S. E. o Cardeal-Patriarca

Antes de encerrar a sessão, S. E. o Cardeal-Patriarca, classificou de magnífica a ideia deste Congresso. Saudou o sr. ministro da Educação, e nele, o Estado que tem como princípio a fidelidade à doutrina e à moral cristãs; os professores; e a esperancosa e heróica juventude.

Após ter notado que o Congresso abriu auspiciosamente, numa hora em que o Mundo está sofrendo as dores do nascimento de uma nova sociedade, numa hora em que até parecia que se tinham apagado as estrelas no Céu. E acrescentou: «É tempo de sair das catacumbas e de tomar o lugar que a cada um pertence. Os tempos são duros, mas devemos estar presentes e contribuir para o Mundo novo, na Justiça, na Caridade e na Fé e na vida e no bem da humanidade.

«Servir a Igreja não é escravidão; é libertação! Exige sacrifícios que são, afinal, meios de aperfeiçoamento humano. Na Universidade estão sempre os grandes mestres da Ciência; mas não se esqueça Aquela que disse que a Fé é a luz da vida.

Afirmando que o universitário diz tudo o que é preciso para dignificar e redimir, o sr. D. Manuel Gonçalves Cereleira declarou, por fim: «Abriu, magnificamente, este Congresso.

Largo tempo a assistência ovacionou S. E. o Cardeal-Patriarca, que voltou a ser saudado com vibrantes aplausos à saída do edifício.